



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

A AGRICULTURA INDÍGENA E A ANCESTRALIDADE KALI'NA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DOS GALIBI NO MUNICÍPIO DO OIAPOQUE: GÊNESE E METAMORFOSES NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

INDIGENOUS AGRICULTURE AND THE KALI'NA ANCESTRY OF THE SÃO JOSÉ DOS GALIBI COMMUNITY IN THE MUNICIPALITY OF OIAPOQUE: GENESIS AND METAMORPHOSES IN THE FIRST TWO DECADES OF THE 21ST CENTURY

AGRICULTURA INDÍGENA Y LA ASCENDENCIA KALI'NA DE LA COMUNIDAD DE SÃO JOSÉ DOS GALIBI EN EL MUNICIPIO DE OIAPOQUE: GÉNESIS Y METAMORFOSIS EN LAS DOS PRIMERAS DÉCADAS DEL SIGLO XXI

Artigo recebido: 21/08/2025

Artigo aceito: 01/12/2025

Nilton Ferreira Batista¹

Roni Mayer Lomba²

Heitor Paladim Júnior³

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral de compreender como as práticas da agricultura indígena, articuladas aos saberes ancestrais e à identidade étnica dos Galibi Kali'na, se transformaram e se mantiveram na comunidade São José do Galibi, no município do Oiapoque, nas duas primeiras décadas do século XXI. A escolha deste tema se apoia em fundamentos teóricos e empíricos que transcendem uma motivação meramente exploratória. A agricultura tradicional amazônica, em termos gerais, sofre as consequências do avanço da agricultura mecanizadas, como por exemplo, a perda da biodiversidade e a imposição de padrões de consumo que enfraquecem a autonomia alimentar. A relevância desta investigação está, portanto, em compreender como a agricultura, especialmente a mandioca, eixo alimentar e simbólico dos Galibi-Kali'na sustenta o cotidiano e formas específicas de organização social, de memória e de solidariedade. Os resultados mostram que a roça funciona como espaço de ensino, convivência e transmissão de saberes. Assim, o estudo confirma que a agricultura desempenha papel decisivo na manutenção da identidade Galibi-Kali'na. Ao mesmo tempo a roça é, fonte de alimento e território de afirmação cultural, onde o trabalho diário é também um ato de cuidado com o passado e de compromisso com o futuro. Portanto, compreender essa dimensão da agricultura dos Galibi Kali'na, na comunidade São José do Galibi e valorizá-la, é tarefa para quem elabora políticas públicas, projeta programas de desenvolvimento ou pensa a sustentabilidade de maneira efetiva.

Palavras-chave: Agricultura indígena. Saberes tradicionais. Identidade. Memórias.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará.

E-mail: batistaniltonferreira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3864-4905>

2 Professor do Instituto Federal do Pará – IFPA E-mail: ronimayer@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-00016062-6142>

3 Pós Doutor pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: hpaladim@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6340-9140>

ABSTRACT

The present research had the general objective of understanding how the practices of indigenous agriculture, articulated with the ancestral knowledge and ethnic identity of the Galibi Kali'na, were transformed and maintained in the São José do Galibi community, in the municipality of Oiapoque, in the first two decades of the twenty-first century. The choice of this theme is based on theoretical and empirical foundations that transcend a merely exploratory motivation. Traditional Amazonian agriculture, in general terms, suffers the consequences of the advance of mechanized agriculture, such as the loss of biodiversity and the imposition of consumption patterns that weaken food autonomy. The relevance of this investigation is, therefore, in understanding how agriculture, especially cassava, the food and symbolic axis of the Galibi-Kali'na, sustains daily life and specific forms of social organization, memory and solidarity. The results show that the garden functions as a space for teaching, coexistence and transmission of knowledge. Thus, the study confirms that agriculture plays a decisive role in maintaining the Galibi-Kali'na identity. At the same time, the farm is a source of food and a territory of cultural affirmation, where daily work is also an act of care for the past and commitment to the future. Therefore, understanding this dimension of agriculture of the Galibi Kali'na, in the São José do Galibi community, and valuing it, is a task for those who develop public policies, design development programs or think about sustainability in an effective way.

Keywords: Indigenous agriculture. Traditional knowledge. Identity. Memories.

RESUMEN

El objetivo general de esta investigación fue comprender cómo las prácticas de la agricultura indígena, articuladas con los conocimientos ancestrales y la identidad étnica de los Galibi Kali'na, se han transformado y mantenido en la comunidad de São José do Galibi, en el municipio de Oiapoque, durante las dos primeras décadas del siglo XXI. La elección de este tema se basa en fundamentos teóricos y empíricos que trascienden una motivación meramente exploratoria. La agricultura tradicional amazónica, en general, sufre las consecuencias del avance de la agricultura mecanizada, como la pérdida de biodiversidad y la imposición de patrones de consumo que debilitan la autonomía alimentaria. La relevancia de esta investigación, por lo tanto, reside en comprender cómo la agricultura, especialmente la yuca, eje alimentario y simbólico de los Galibi-Kali'na, sustenta la vida cotidiana y formas específicas de organización social, memoria y solidaridad. Los resultados muestran que el campo funciona como un espacio de enseñanza, convivencia y transmisión de conocimientos. Así, el estudio confirma que la agricultura desempeña un papel decisivo en el mantenimiento de la identidad Galibi-Kali'na. Al mismo tiempo, el campo es fuente de alimento y territorio de afirmación cultural, donde el trabajo diario es también un acto de cuidado del pasado y un compromiso con el futuro. Por lo tanto, comprender y valorar esta dimensión de la agricultura Galibi-Kali'na en la comunidad de São José do Galibi es una tarea para quienes desarrollan políticas públicas, diseñan programas de desarrollo o piensan eficazmente en la sostenibilidad.

Palabras clave: Agricultura indígena. Conocimientos tradicionales. Identidad. Memorias.

INTRODUÇÃO

A agricultura dos povos indígenas amazônicos tem sido, ao longo do tempo, uma das principais chaves para compreender suas formas de existência, de relação com o território e de transmissão de saberes. No extremo norte do Amapá, na aldeia São José do Galibi, o povo Galibi-Kali'na preserva um modo próprio de cultivar e de viver, estruturado na memória e na continuidade de práticas herdadas de seus ancestrais. Embora sua presença no Brasil seja consolidada a partir da segunda metade do século XX após deslocamentos da Guiana Francesa, autores como Vidal (2000; 2007; 2023) e Cunha (2022) mostram que esse grupo integra um espaço multiétnico em que agricultura, parentesco e identidade caminham juntos.

É nesse contexto que surge a pergunta que orienta este estudo: de que maneira os saberes ancestrais e as práticas agrícolas contribuem para a manutenção da identidade Galibi-Kali'na na comunidade São José do Galibi? A escolha da temática não se limita ao interesse acadêmico. Ela nasce da percepção de que, diante da expansão de modelos agrícolas mecanizados, das mudanças ambientais e da crescente pressão sobre territórios indígenas, os sistemas tradicionais de cultivo se tornam ainda mais vulneráveis e, ao mesmo tempo, mais essenciais para a continuidade cultural dos povos. A relevância desta investigação está, portanto, em compreender como a agricultura, especialmente a mandioca, eixo alimentar e simbólico dos Galibi-Kali'na sustenta o cotidiano e formas específicas de organização social, de memória e de solidariedade. Cada semente preservada, cada variedade cultivada e cada gesto repetido na roça constituem um arquivo vivo de conhecimentos, práticas e valores que atravessam gerações.

O objetivo geral consiste em compreender como as práticas da agricultura indígena, articuladas aos saberes ancestrais e à identidade étnica dos Galibi Kali'na, se transformaram e se mantiveram na comunidade São José do Galibi, no município do Oiapoque, nas duas primeiras décadas do século XXI. De maneira complementar, busca-se identificar os pilares históricos e territoriais que estruturam o cultivo; compreender a centralidade da mandioca na economia e na vida espiritual da comunidade; e examinar os desafios contemporâneos que influenciam tanto a permanência quanto as transformações desses modos tradicionais de produzir. A pesquisa ancora-se em uma abordagem qualitativa, revisão bibliográfica e trabalho de campo, por reconhecer que a agricultura indígena exige olhar atento e escuta sensível para captar os sentidos que não se revelam apenas por dados técnicos. Por fim, o artigo se organiza em quatro partes: o referencial teórico, o contexto histórico e social da comunidade, a

metodologia adotada e a análise dos resultados, o qual possibilita que o leitor acompanhe, passo a passo, a afirmação da agricultura como espaço de memória, identidade e resistência entre os Galibi-Kali'na.

UM BREVE OLHAR NA CULTURA GALIBI KALI'NA

A cultura Galibi-Kali'na, profundamente enraizada nas práticas de seus ancestrais, permanece viva mesmo em territórios marcados por fronteiras políticas que segmentam áreas indígenas. No caso dos Galibi do Oiapoque, essa herança cultural se entrelaça de forma complexa com as identidades nacionais dos países que compõem a região fronteira, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela e Brasil. Compreender essas interações é fundamental, pois elas influenciaram e continuam influenciando a maneira como o grupo constrói e preserva sua identidade, sobretudo após deslocamentos (Vidal, 2000; 2024).

Os estudos de Vidal expõem que a formação das identidades indígenas na Amazônia se desenvolve em meio a relações interétnicas marcadas por pressões estatais, escolhas coletivas e negociações constantes com o Estado-nação. Entre os Galibi-Kali'na, originários de Maná, na Guiana Francesa, chama atenção o fato de se identificarem como brasileiros, recusando as tentativas francesas de repatriá-los. Esse episódio ilumina a natureza fluida e multifacetada das identidades nacionais e revela que elas não se limitam às fronteiras territorialmente impostas pelo colonialismo, mas se constroem a partir das experiências, vínculos históricos e sentidos de pertencimento cultivados pelo próprio grupo.

A convivência em territórios de fronteira revela a complexidade das identidades indígenas, que frequentemente se desdobram entre pertencimentos étnicos e nacionais. Grupos como os Ticuna e os Galibi do Oiapoque exemplificam essa diversidade ao assumirem diferentes nacionalidades conforme os países com os quais mantêm vínculo. Os Ticuna, por viverem entre Brasil, Colômbia e Peru, podem se reconhecer como indígenas de qualquer um desses Estados. Contudo, essa pluralidade nem sempre decorre de escolhas livres: políticas governamentais e processos de integração nacional muitas vezes obrigam povos indígenas estrangeiros a adotar identidades estatais. É o caso dos Galibi, que migraram da região entre Guiana Francesa e Suriname na década de 1950 e acabaram incorporando a nacionalidade brasileira, sem abrir mão de sua essência cultural e tradições. Assim, identidades étnicas e nacionais se entrelaçam nesses espaços, revelando formas flexíveis e situadas de pertencimento (López Garcés, 2012).

No caso dos Galibi Kali'na, por exemplo, a recusa em se reconhecerem como apenas pertencentes à Guiana Francesa expressam como as identidades étnicas podem se sobrepor e até mesmo desafiar as fronteiras nacionais estabelecidas. Essa dinâmica ressalta a construção contínua das identidades, moldadas por interações históricas, políticas e culturais em constante evolução.

Língua e Tradições Orais dos Galibi Kali'na

Moraes (2018) destaca a importância da língua e das tradições orais para a preservação da identidade cultural dos Galibi-Kali'na, chamando atenção para o significado do nome originalmente utilizado pelo grupo. Segundo os mais velhos, o termo correto não seria “Galibi Kali'na”, mas “Tilewuyu”, expressão que hoje quase não aparece no cotidiano, mas permanece viva em conversas que evocam os antigos tampokô e nopokô. Esse uso restrito revela o vínculo profundo entre memória, oralidade e transmissão intergeracional do conhecimento, mostrando como certos termos guardam histórias, afetos e modos de ser que ultrapassam classificações externas. A permanência de “Tilewuyu”, mesmo em contextos limitados, reforça a importância de manter vivas tanto a língua quanto as narrativas ancestrais, especialmente diante das pressões da modernidade e da influência de nomes difundidos por antropólogos e instituições oficiais.

No mesmo estudo, Moraes analisa a posição do líder local sobre o ensino bilíngue, que privilegia o aprendizado de línguas úteis para a interação com não indígenas. Embora essa postura tenha fundamento prático, ela também revela os desafios enfrentados pelos Galibi-Kali'na para conciliar a preservação da língua tradicional com as demandas de um mundo externo cada vez mais presente. Nesse sentido, Moraes enfatiza a necessidade de políticas educacionais que valorizem simultaneamente o fortalecimento da língua indígena e a preparação das crianças para circular em outros espaços sociais, garantindo equilíbrio entre tradição e adaptação.

A migração dos Galibi-Kali'na e a necessidade de dialogar com diferentes grupos acabaram impactando profundamente a transmissão de sua língua materna. Ao chegarem ao Brasil, muitos aprenderam o português e o Patoá para facilitar a convivência com a sociedade não indígena, mas deixaram de ensinar sua própria língua às novas gerações. Como resultado, a fluência do idioma indígena restringiu-se quase exclusivamente à primeira geração pós-migração, gerando entre os mais velhos um sentimento de culpa pela perda linguística. Essa situação mostra um processo de apagamento cultural no qual outras línguas ganharam espaço,

enquanto a língua Galibi-Kali'na se tornou quase invisível no contexto brasileiro (Sousa Santos, 2010).

Diante desse cenário, torna-se fundamental enfrentar os desafios da revitalização linguística. Políticas educacionais que priorizem o ensino da língua desde a infância, aliadas a programas de incentivo e à transmissão intergeracional, são essenciais para fortalecer a identidade cultural e recuperar a presença da língua Galibi-Kali'na na aldeia São José.

Portanto, é fundamental que a comunidade tenha acesso a recursos e apoio adequados para manter a preservação e o resgate de sua identidade linguística e cultural. Ao fazer isso, é possível criar um ambiente propício para a revitalização e celebração da língua Kali'na e das tradições orais, e desta maneira, garantir que as futuras gerações possam se orgulhar de sua herança e perpetuá-la para as gerações vindouras.

AGRICULTURA INDÍGENA NA ALDEIA SÃO JOSÉ DO GALIBI NO MUNICÍPIO DO OIAPOQUE

Conhecimentos Tradicionais e Práticas Agrícolas

Segundo Vidal (2000), é comum as famílias indígenas galibi mantenha sua "abattis" (roça) bem cuidada, administrada diariamente com o auxílio de sua família. A "abattis" para os Galibi, representa um aspecto fundamental de suas vidas. Vidal (2000) revela a centralidade da agricultura na vida dos Galibi, onde destaca a roça como um símbolo cultural e social. De acordo com AMIM (2025),

A roça é uma grande rede de relações: reúne conhecimento, plantas, pessoas, e territórios [...] A roça também é parentesco e reflete toda uma rede de trocas entre parentes próximos e distantes [...] Fonte do alimento do dia a dia das famílias indígenas, da roça provém a tão apreciada farinha de mandioca, que está presente em todas as refeições, acompanhando o peixe fresco, a caça e o açaí [...] (AMIM, 2025, p.2).

Essa relação com a roça, bem como, a prática de cuidar da terra em conjunto com a família reforça os laços comunitários e familiares e, desta maneira, sustenta as tradições e conhecimentos agrícolas de geração em geração. Além do mais, a herança de pedaços de terra para netos e sobrinhos ilustra um compromisso com a continuidade e preservação do modo de vida galibi, o qual representa certo respeito pelo legado ancestral e pela sustentabilidade comunitária.

As roças dos povos Galibi-Marworno, Galibi-Kali'na, Karipuna e Palikur Arukwayene constituem unidades agrícolas familiares que variam entre 1 e 3 hectares, conforme as necessidades de cada grupo e a disponibilidade de recursos. Como destaca AMIM (2025, p.2), essas áreas são tradicionalmente abertas pelo método de corte e queima, que envolve derrubar pequenas porções de capoeira ou floresta antes da queimada. A escolha do tamanho e da localização das roças está diretamente ligada às condições naturais do entorno, considerando fatores como proximidade de rios e cachoeiras, presença de animais de caça e disponibilidade de frutos, sementes e matérias-primas essenciais ao artesanato e à construção de casas (Silveira, 2015).

Na aldeia São José, o tamanho da roça acompanha a quantidade de membros da família e sua capacidade de manejar os recursos de forma sustentável. Essa gestão familiar garante autonomia produtiva, permitindo cultivar alimentos para consumo próprio e, por vezes, para trocas internas ou comercialização em Oiapoque. Contudo, esse sistema tradicional encontra-se ameaçado por mudanças climáticas e transformações socioculturais (AMIM, 2025). Ainda assim, a definição das roças, especialmente no plantio da maniva, permanece enraizada nos conhecimentos tradicionais e na relação equilibrada que essas comunidades mantêm com o ambiente (Vidal, 2000).

Essa relação, de certa forma, apresenta a compreensão e respeito pelos recursos naturais, onde a preservação e a adequação ao meio ambiente são prioritárias. Neste sentido, a escolha do espaço agrícola representa um equilíbrio entre as necessidades indígenas e a preservação do ecossistema local, e mostram que as práticas agrícolas não comprometam a integridade ambiental das respectivas comunidades. Essas práticas de uso da terra, indica o conhecimento agrícola indígena em referência ao modo de produção, que integra aspectos ecológicos, culturais e econômicos, e assim, possibilita uma coexistência sustentável e resiliente com a natureza.

Silva (2019) ressalta a importância do trabalho e das práticas culturais nas comunidades indígenas, sublinhando como estas atividades estão integradas à organização familiar, religiosa, política e social. Neste sentido, ao relacionar isso com os conhecimentos tradicionais e práticas agrícolas ancestrais da Aldeia São José do Galibi no município do Oiapoque, é possível perceber uma continuidade e preservação dessas tradições que são fundamentais para a identidade e sustentabilidade das comunidades indígenas. Segundo Silveira (2015), ressalta ainda que espaços onde é feito a escolha do tamanho e dos limites das roças é fortemente influenciada pelos elementos naturais, como rios, cachoeiras, e a

disponibilidade de recursos para caça e coleta. Essa abordagem ecológica representa um entendimento e respeito pelos ciclos e características naturais do território.

A escolha do local da roça para o cultivo da mandioca, feita com base nos elementos naturais, caracteriza o conhecimento indígena do ecossistema e a prática de sustentabilidade que tem sido realizada ao longo dos anos. Essas práticas agrícolas garantem o autoconsumo das comunidades indígenas, bem como também, contribuem à conservação do meio ambiente. Logo, a agricultura na Aldeia São José do Galibi, ela está integrada a um sistema de manejo ambiental, onde cada decisão leva em conta múltiplos fatores ecológicos. Isso assegura a resiliência das comunidades indígenas, e assim, mantêm suas tradições vivas e possibilita, desta maneira, um uso sustentável dos recursos naturais (Vidal, 2000).

O trabalho agrícola entre os povos indígenas, como os Karipuna e os Galibi do Oiapoque, revela sistemas sociais e culturais caracterizados por uma lógica que contrasta com os modelos produtivistas convencionais. Conforme Silva (2019, p. 10), entre os Karipuna, o trabalho coletivo, denominado “maiuhi” ⁴estrutura-se a partir de uma rede de responsabilidades familiares. Neste sentido, os mutirões constituem práticas centrais entre os povos indígenas de Oiapoque. Para além do trabalho agrícola, funcionam como espaços de troca de saberes e fortalecimento comunitário. Embora tenham se transformado ao longo do tempo, permanecem fundamentais para revitalizar tradições e enfrentar desafios como a praga da mandioca. Neles, também se aprendiam histórias, cantos e a produção de artefatos diversos (AMIM, 2025).

A organização dos mutirões entre os povos indígenas de Oiapoque segue princípios de reciprocidade e respeito às relações familiares, constituindo espaços fundamentais de sociabilidade e fortalecimento comunitário (AMIM, 2025). Na agricultura, cada família escolhe seu roçado com base em critérios históricos, ambientais e simbólicos, como demonstram os Karipuna ao distinguir tipos de floresta e preferir terras firmes, saber

4 Palavra na língua indígena *kheuól* que quer dizer “mutirão”.

construído empiricamente e transmitido oralmente. Entre os quatro povos da região Galibi-Marworno, Galibi Kali'na, Karipuna e Palikur Arukwayene, o cultivo da terra está inserido em uma lógica coletiva e cosmológica, na qual o solo é entendido como entidade viva. Para os Galibi, o plantio envolve dimensões rituais e espirituais que reafirmam o vínculo entre comunidade, território e tradição. Assim, a agricultura indígena assegura a subsistência, e também fortalece identidades e memórias, articulando técnica, espiritualidade e política de modo singular (Vidal, 2023).

A importância do cultivo da mandioca aos povos galibi no município de Oiapoque

AMIM (2025, p.5) ressalta que “nossas roças sempre foram caracterizadas por uma grande diversidade de plantas, especialmente de manivas. Nos mutirões, as trocas de mudas de plantas eram práticas comuns, promovendo a circulação dessas variedades entre as comunidades”. Neste sentido, Vidal (2000) afirma que os indígenas galibi cultivam uma variedade de plantas como mandioca, cará, batata, macaxeira, banana, abacaxi, milho, tomate e maracujá. Nas proximidades de cada residência, há uma abundância de árvores frutíferas, incluindo coqueiros, abacateiros, laranjeiras, tangerineiras, pés de abiu e numerosos cajueiros, além das enormes mangueiras que caracterizam a paisagem típica da aldeia.

De acordo com Silva (2019), o processo de fabricação da farinha envolve etapas que conferem identidade ao produto final. Inicialmente, separa-se uma porção da mandioca recém-colhida para permanecer em água por três dias, originando a chamada mandioca d'água. Somente após esse período é adicionada a mandioca ralada, em seguida prensada e coada a massa, após inicia o processo de torrar até atingir o ponto ideal da farinha. Esse ponto, é determinante, pois define características próprias de cada etnia, como sabor, textura, torração e coloração. No comércio de Oiapoque, essa diversidade é reconhecida, e as farinhas são comercializadas com denominações específicas, como: farinha Karipuna, farinha Palikur, farinha Galibi Marworno e farinha Galibi.

Logo, este tubérculo é fundamental como uma fonte de alimentação, e um elemento importante nas práticas agrícolas, econômica e culturais das comunidades. Desse modo, a mandioca é processada de diversas formas, desde a farinha até a tapioca, o bejú, e assim, torna-se como principal item da alimentação. Além disso, sua versatilidade e resistência torna-se a base da economia e à sustentabilidade local. Porém, a presença de outras

culturas e árvores frutíferas ao redor das casas complementa o autoconsumo e contribui à diversidade alimentar e nutricional.

Anjos (2023) destaca que a mandioca é elemento central para os povos Karipuna, Palikur-Arukwayene, Galibi Marworno e Galibi Kali'na no Oiapoque, sustentando sua alimentação, economia e práticas culturais. Transformada principalmente em farinha e utilizada também na produção do caxixi, bebida fundamental no ritual do Turé, a mandioca articula tradição, identidade e sobrevivência. Sua produção assegura segurança alimentar, gera renda e comprovam a capacidade adaptativa dessas comunidades, que preservam seus modos de vida mesmo diante de desafios contemporâneos, como pragas e pressões externas.

A agricultura indígena no Oiapoque, nas terras Galibi, Uaçá e Juminã, enfrenta desde o início de 2023 uma grave crise sanitária e ambiental que ameaça a base alimentar e cultural das comunidades locais. De acordo com Anjos (2023), a proliferação de fungos e, possivelmente, de uma bactéria, atingiu as plantações de mandioca em cerca de 66 aldeias, afetando aproximadamente 10 mil indígenas das etnias Karipuna, Palikur-Arukwayene, Galibi Marworno e Galibi Kali'na. Neste sentido, após a pandemia de Covid-19 em 2022, surgiu praga que devastou as roças de mandioca nas comunidades indígenas de Oiapoque. O fato ficou conhecido como a “pandemia das roças”, em razão de seu impacto. A destruição das roças comprometeu a segurança alimentar das aldeias e reduziu significativamente a renda das famílias, já que a venda dos derivados da mandioca constituía uma das principais fontes econômicas dos povos indígenas da região (AMIM, 2025).

A disseminação da praga tem sido relacionada tanto à troca de manivas entre aldeias e a comunidade de Saint-Georges, na Guiana Francesa, quanto às mudanças climáticas, vem alterando os ciclos de chuva e de temperatura no extremo norte do Amapá. Os indígenas relatam que, nos últimos quatro anos, o tempo da roça “deixou de responder”, com estiagens prolongadas e chuvas irregulares que favorecem o aparecimento de doenças agrícolas (Vidal, 2023; Galibi Kali'na 3, 2025). A perda das manivas tradicionais e o apodrecimento das raízes nas plantações devido as pragas, provocaram grande insegurança alimentar e perdas econômicas, obrigando as famílias a reduzir o consumo de farinha, tapioca e beiju, alimentos centrais da dieta e da cultura local. Segundo AMIM (2025), “As plantas de mandioca doentes [...] por dentro do caule, o fungo impede a circulação de nutrientes na planta [...] e, a depender do estágio de desenvolvimento da planta [...] pode ocorrer a morte das plantas [...]” (AMIM, 2025, p.7).

A descrição apresenta a gravidade dos impactos causados pelo fungo nas plantas de mandioca, comprometendo seu desenvolvimento e a produtividade agrícola. Conforme mostra a imagem abaixo, a doença manifesta-se de forma progressiva, que afeta o caule e interrompe o fluxo de nutrientes à planta. Essa deterioração, somada à alta capacidade de dispersão dos esporos pelo ar, revela a vulnerabilidade dos cultivos tradicionais diante das pragas, exigindo estratégias de manejo integradas e sustentáveis, baseadas em saberes locais e científicos articulados.

Figura 1- Raiz da mandioca em estado de apodrecimento.



Fonte: Lewkowicz; Silveira, 2023

Segundo AMIM (2025), desde 2019 os Agentes Ambientais Indígenas investigam as percepções das comunidades sobre as mudanças ambientais e climáticas. Com o surgimento da nova praga, porém, seu foco voltou-se aos sistemas agrícolas tradicionais. O diagnóstico apontou que 57% das variedades de mandioca foram perdidas, embora algumas manivas, como Tere tere e Xingu, tenham demonstrado resistência. Apesar de inicialmente preocuparem por facilitar a disseminação da doença, as trocas de manivas tornaram-se hoje uma estratégia essencial para fortalecer e preservar as variedades resistentes (AMIM, 2025).

A AMIM (2025) apresenta a relevância do conhecimento tradicional indígena na gestão e recuperação dos sistemas agrícolas frente às mudanças climáticas e às pragas emergentes. O diagnóstico realizado pelos Agentes Ambientais Indígenas, doravante chamados de Agamin⁵, representa uma ação científica autônoma e contextualizada, baseada

5 Agamin foi o nome escolhido pelos agentes para se autodefinir, pois além de representar a soma das iniciais de “agente ambiental indígena”, essa palavra se refere a uma ave amazônica que cuida e limpa a floresta (a ave é conhecida em português como jacamim) (IEPÉ, 2016).

na observação empírica e na experimentação comunitária. A valorização da diversidade genética das manivas de mandioca e das práticas de trocas entre comunidades expressa um modelo de sustentabilidade ancestral, que alia saberes tradicionais e estratégias adaptativas de resiliência ecológica e cultural.

Segundo a AMIM (2025) destaca que os Agamin vêm testando diferentes estratégias de manejo para enfrentar a praga e recuperar as roças. Entre elas estão a retomada de práticas tradicionais, como a diversidade de espécies, as defumações e o mãoik bulê, a incorporação de técnicas agroecológicas, como caldas fertiprotetoras e adubação verde, além do corte e queima das partes infectadas da mandioca para evitar a propagação. Embora ainda produzam efeitos modestos e graduais, essas iniciativas têm mostrado resultados promissores.

Além do impacto ecológico, a situação fragiliza rituais coletivos, como a produção do caxixi durante o Turé, que depende da mandioca como insumo simbólico e alimentar. A exploração de petróleo ainda não iniciada, mas prevista para a costa do Amapá, amplia as apreensões das lideranças indígenas quanto aos riscos à biodiversidade e à contaminação dos ecossistemas. Em resposta à crise, pesquisadores, organizações indígenas e órgãos ambientais têm articulado ações de mapeamento das áreas afetadas, capacitação técnica e reprodução de manivas resistentes, numa tentativa de restaurar a produção e preservar o sistema agrícola tradicional que sustenta a identidade e a autonomia dos povos do Oiaipoque (Lewkowicz; Silveira, 2023).

A relação entre a produção de mandioca e a adaptabilidade das comunidades indígenas, destacada por Anjos (2023), torna-se ainda mais óbvio diante dessa ameaça. A capacidade dessas comunidades de manter suas tradições enquanto enfrentam desafios contemporâneos é testada pelas condições ambientais adversas. A perda potencial de colheitas de mandioca devido a doenças agrícolas pode comprometer tanto o autoconsumo quanto a continuidade das práticas culturais associadas ao cultivo dessa planta.

Desse modo, a preservação e o fortalecimento do sistema agrícola indígena requerem o reconhecimento de sua importância cultural e econômica, bem como, a

implementação de medidas que possam minimizar os impactos das mudanças climáticas, além de combater as doenças que ameaçam as plantações. Para tanto, isso envolverá a colaboração entre as comunidades indígenas, governos, pesquisadores, e formuladores de políticas públicas para desenvolver estratégias que assegurem a continuidade desse sistema agrícola produtivo fundamental às comunidades indígenas (Anjos, 2023). Conforme a AMIM (2025), embora a praga recente tenha causado grandes perdas, já é possível observar sinais de retomada das roças. O repertório indígena de técnicas de plantio e manejo, que reúne saberes agrícolas e espirituais, além disso, representa uma cultura ainda preservada. Apesar de nem todas as práticas serem amplamente utilizadas, elas seguem vivas na memória e na experiência dos agricultores, que continuam a transmitir esses conhecimentos às novas gerações.

Neste sentido, é necessário reconhecer a importância da agricultura na vida dos Galibi, o qual destaca-se o cultivo da mandioca como a principal fonte de sustento e renda. Pois, fica claro que a mandioca não só alimenta as famílias, mas também sustenta tradições culturais, como a produção de farinha e a celebração do Turé. Entretanto, a agricultura indígena enfrenta sérios desafios. Como visto, a recente proliferação de fungos e bactérias tem prejudicado as plantações de mandioca, ameaçando, desta forma, a segurança alimentar e a continuidade das práticas culturais.

De acordo com a AMIM (2025, p.7), após mais de dois anos de investigação, a Embrapa identificou, em 2024, o fungo *Ceratobasidium theobromae* como responsável pela “vassoura-de-bruxa da mandioca”, que afeta as roças de Oiapoque. Paralelamente, os Agamin apontaram alterações no regime de chuvas e mudanças nas práticas tradicionais de cultivo como fatores que intensificaram o problema. Em resposta, o Ministério da Agricultura declarou, em janeiro de 2025, emergência fitossanitária no Amapá e no Pará, reforçando ações de controle para evitar a expansão da praga.

A AMIM (2025) expõe a gravidade da crise fitossanitária que atinge as roças de mandioca no Amapá, especialmente no Oiapoque, articulando fatores científicos, ambientais e culturais. Embora a identificação do fungo pela Embrapa represente um avanço, a análise dos Agamin amplia o entendimento ao vincular o surto às mudanças climáticas e ao enfraquecimento das práticas tradicionais. Esse quadro reforça a necessidade de políticas públicas interculturais que integrem conhecimentos indígenas e científicos, garantindo soluções sustentáveis. Assim, o enfrentamento da “vassoura-de-bruxa da mandioca” exige ações de manejo adequado e cooperação entre comunidades, pesquisadores e governos,

assegurando a continuidade da agricultura indígena e a preservação do patrimônio cultural e econômico dos Galibi.

VOZES DA TERRA: MEMÓRIAS E PRÁTICAS DA AGRICULTURA GALIBI KALI'NA

Ouvir o que dizem os que cultivam a terra com as próprias mãos é uma das formas mais honestas de se aproximar da história viva. Este capítulo percorre os relatos de três membros da comunidade Galibi Kali'na, que, ao responderem a um questionário com cinco perguntas abertas, deram corpo àquilo que muitos insistem em reduzir a estatísticas ou descrições técnicas. Neste sentido, suas vozes, registradas com consentimento e cuidado ético, são apresentadas sob os nomes Galibi Kali'na 1, 2 e 3, como forma de resguardar a identidade pessoal sem perder o sentido coletivo de suas experiências. Pois, o valor dessas narrativas reside na força com que expressam modos de vida marcados por ancestralidade, memória e resistência.

Essas vozes, são mais do que respostas, são testemunhos de uma coletividade que atravessou a Guiana Francesa, navegou pelo rio Oiapoque e assentou suas casas na margem brasileira com um propósito de seguir existindo com dignidade. Ignorar essas vozes seria reproduzir a lógica de silenciamento que sempre acompanhou a história oficial, onde o saber indígena foi tratado como curiosidade, e não como conhecimento legítimo. Ao contrário disso, este capítulo propõe colocar essas vozes no centro da análise, e reconhecer nelas as fontes de informação e os caminhos para pensar a terra, o trabalho e o futuro de outro modo. Ressalta-se que os relatos e descrições apresentados nesta seção foram transcritos integralmente, tal como produzidos pelos participantes da pesquisa. Optou-se por preservar a forma original das narrativas, que inclui eventuais desvios ortográficos ou gramaticais, por compreender que essas marcas compõem a autenticidade das vozes e mostram as particularidades linguísticas e culturais do grupo pesquisado. Essa escolha metodológica visa respeitar a integridade discursiva dos interlocutores e a riqueza expressiva de suas formas de dizer o mundo.

A mandioca e o saber ancestral Galibi

Na comunidade São José dos Galibi sustenta há décadas uma prática agrícola rica, articulada ao seu modo próprio de estar no território. A terra, aqui, não é um bem negociável, mas um lugar de memória e cuidado. As lavouras não surgem de imposições externas, mas da

sabedoria cultivada entre gerações. É nesse contexto que se formula a primeira questão desta pesquisa: quais são as principais culturas agrícolas tradicionais praticadas na comunidade São José dos Galibi e como essas práticas se conectam com a tradição do povo Galibi?

As práticas culturais tradicionais e a roça é a principal fonte de renda da comunidade e entre outros produtos que são cultivados dentro da roça como: batata doce, banana, pimenta e entre outros (Galibi Kali'na 1, 2025).

Assim que os Galibis chegaram e se instalaram onde é atualmente a aldeia, foram logo construindo suas casas e fazendo suas roças, para poder cultivar a mandioca que é a base da alimentação do povo Galibi. Da mandioca é feito o alepá (beiju grande e seco) que é comido com todo tipo de comida, peixe, carne de caça e etc, é feito o caxixi, da mandioca também é feito a farinha de mandioca, farinha de tapioca, extrai o tucupi, a goma para fazer o “beijuzinho”, a crueira (parte grossa que fica depois de peneirar a massa da farinha) as vezes para fazer mingau e também servir de alimentos para as galinhas (quando tem). Então, posso afirmar que a principal cultura agrícola é o cultivo da mandioca, na roça onde é plantada a maniva, é plantada também macaxeira, banana, abacaxi, cará, batata doce, batata roxa, porém, em pequena quantidade, ocupando somente os cantos das roças ou uma pequena parte da roça [...] (Galibi Kali'na 2, 2025).

Desculpe professor por não ter respondido antes as perguntas. A principal cultura é o Maiuhi aqui na aldeia São José, que é roçar, derrubar, queimar, cuivara por último a plantação das mandiocas ou seja “platando” as manivas, já povo “galiby” faz alguns anos que não está praticando a sua cultura, desde então vieram praticando a nossa cultura até porque nós somos as maiorias como por exemplo os kali'na não fazem mais roças e perderam a maniva do kaxixi e a batata Rocha que hoje em dia não se encontra (Galibi Kali'na 3, 2025).

Quando Galibi Kali'na 1 afirma que “a roça é a principal fonte de renda da comunidade”, ele está dizendo, sem rodeios, que há um sistema de vida que se ancora no trabalho agrícola coletivo. Plantar batata-doce, banana, pimenta e outros cultivos é garantir alimentação, é continuar vivendo com autonomia, em um lugar onde o trabalho e o território se organizam de forma interdependente. Neste sentido, ressalta-se que, os saberes tradicionais não podem ser pensados como algo separado da vida. Eles estão inscritos nos rituais, no uso do espaço e nos modos de fazer (Cunha, 2009). Na comunidade Galibi, o que está em jogo é a continuidade de um conhecimento que não depende da escrita para existir, mas do fazer em coletividade e da convivência entre gerações

A fala do Galibi Kali'na 2 mostra uma visão de agricultura que ultrapassa a produção de alimentos, onde território, memória e identidade caminham juntos. A escolha de iniciar a abertura das roças assim que chegaram ao novo território representou uma forma de marcar o lugar como legítima morada, reconhecendo a terra como extensão do corpo coletivo. Neste caso, plantar, foi também um ato de afirmação. Pois de acordo com Krenak (2019), os povos indígenas não ocupam a terra, eles são a terra, e é por isso que perder o território é o mesmo que perder a si.

No meio dessa prática está a mandioca, ela aparece como base alimentar e como estrutura de uma economia do cuidado. De fato, a mandioca alimenta, sustenta, ensina, é dela que se faz o alepá, o caxixi, o tucupi, a farinha, a goma, o mingau. Cada produto tem um tempo, um modo, uma sabedoria. O trabalho com a mandioca requer experiência, paciência e diálogo entre gerações, e esse saber passa de mãe para filha, de avó para neto, constitui o que Munduruku (2012) denomina como “pedagogia da ancestralidade”, um conhecimento que por convivência, gesto e escuta. Trata-se de um saber construído no cotidiano.

A resposta também mostra a presença de outras culturas “nos cantos” das roças, banana, macaxeira, batata-doce, cará, abacaxi, plantadas em pequenas quantidades. Essa forma de plantio carrega uma lógica distinta da produtividade agressiva do agronegócio. Aqui, cultiva-se o necessário, sem esgotar o solo, sem agredir o ritmo da mata. Pois, segundo Kopenawa (2015), o equilíbrio da floresta depende da escuta. Assim, a roça, do jeito que os Galibi a praticam, não rompe com a mata, ela conversa com ela.

A voz de Galibi Kali’na 3, no entanto, traz um alerta que não pode ser ignorado. Ao afirmar que os Kali’na “não fazem mais roças” e que “perderam a maniva do kaxixi e a batata rocha”, ele representa um processo de ruptura. A perda desses cultivares tradicionais aponta para um enfraquecimento das práticas ancestrais que estruturam a identidade do grupo. E quando ele afirma que “nós somos as maiorias”, indicando a presença de outros coletivos que passaram a conduzir os cultivos, abre-se espaço para discutir a tensão entre convivência e apagamento cultural dentro da própria comunidade. Viveiros de Castro (2002) ressalta que, as culturas indígenas não são estáticas nem homogêneas. Elas vivem em disputa, em reconfiguração, e isso implica também perdas. Quando uma comunidade deixa de cultivar determinada variedade de planta, não se trata da ausência física daquele alimento. Perde-se também a história ligada a ele, quem trouxe, como era cultivado, o que representava (Viveiros de Castro, 2002).

De acordo com Vidal (2007) a roça é, para os povos indígenas, um espaço de transmissão de saberes, de práticas e de identidade. Portanto, não fazer mais roça é, deixar de ensinar e de aprender. Por exemplo, a maniva do kaxixi, tem valor que ultrapassa sua utilidade agrônômica. Ela simboliza uma linhagem, uma prática compartilhada entre mães, filhas, anciãos e jovens. Sua perda fragiliza o vínculo com o passado e empobrece o repertório coletivo da comunidade.

Portanto, as falas dos três participantes constroem um quadro complexo, que convivem permanências e ausências, práticas vivas e outras em declínio. O cultivo da

mandioca, central nas vozes dos dois primeiros, aparece como eixo que sustenta a economia da comunidade e sua identidade. Já a ausência de cultivares tradicionais citada pelo terceiro entrevistado sinaliza que há riscos concretos em curso. Neste caso, a agricultura, deve ser analisada como técnica e como uma linguagem da memória. Onde ela falha, algo se cala. E esse silêncio, aos poucos, ameaça o que ainda resta da voz ancestral.

Saberes da roça, entre a permanência do gesto e a ameaça do esquecimento

Para compreender a transmissão dos saberes agrícolas entre os Galibi Kali'na exige olhar para além do plantio. O conhecimento que sustenta a roça não está guardado em livros, mas na palavra dos mais velhos, nos gestos repetidos no tempo certo, na convivência com a terra. Assim, durante as duas primeiras décadas do século XXI, essa prática de ensinar e aprender passou por mudanças culturais, sociais e pela presença cada vez maior da escola formal e da tecnologia nas aldeias. Diante desse cenário, a pesquisa propôs a seguinte pergunta: Como os conhecimentos agrícolas tradicionais foram transmitidos ao longo das duas primeiras décadas do século XXI?

Com “passado” “dois” anos, esses conhecidos foram passando de gerações em gerações com isso, fomos observando os costumes dos mais velhos, hoje a maior parte desses costumes foram “ser” “perdendo” que eram dos nossos avós e tataravós (Galibi Kali'na 1, 2025).

No início da primeira década do século XXI, ainda moravam na aldeia muitas famílias Galibi, e consequentemente faziam suas roças e levavam seus filhos para ajudar nos trabalhos que são essenciais para ter uma roça produtiva. Na segunda metade chegaram na aldeia algumas famílias que são de outras etnias, trazendo novos conhecimentos agrícolas, umas famílias permanecem até hoje e outras foram embora, mas de maneira geral, os pais fazem as roças e os filhos ajudam nos trabalhos dela, desde o plantio, até o cultivo. Dessa maneira os conhecimentos agrícolas tradicionais são transmitidos dos mais velhos para os mais jovens (Galibi Kali'na 2, 2025).

Nas duas primeiras décadas eu era muito jovem mais já andava com meu pai meus tios e meu avó foram mim ensinando fazer alguma coisa como alinhar uma roça como derrubar uma árvore e principalmente de como fazer a farinha (Galibi Kali'na 3, 2025).

A resposta do Galibi Kali'na 1 traz o tom de quem olha para o presente com saudade do que foi herdado. Ele relata que os costumes vinham passando de geração em geração, mas que hoje grande parte deles se perdeu. Assim, trata-se do reconhecimento de uma ruptura. Os saberes dos avós e tataravós não desapareceram por desinteresse, mas porque as condições para sua continuidade foram sendo atingidas por processos lentos, silenciosos e, às vezes, externos à comunidade. Neste sentido, Krenak (2019) ressalta que a tentativa de padronizar as formas de vida, por meio da escola, da televisão, da política institucional, afasta

os povos originários daquilo que os sustenta, ou seja, a relação com o território e com o tempo de seus ancestrais.

Na fala do Galibi Kali'na 2, vemos uma tentativa de equilíbrio entre permanência e adaptação. Ele recorda que, no início dos anos 2000, muitas famílias ainda mantinham a prática de levar os filhos para a roça. O trabalho era coletivo, e a roça funcionava como espaço de ensinamento. Com a chegada de famílias de outras etnias, novos conhecimentos passaram a circular na comunidade, o que provocou mudanças. Algumas permaneceram, outras foram embora, mas o que se mantém, segundo o relato, é o esforço dos pais em ensinar aos filhos, do plantio até a colheita. Aqui, o saber tradicional se reinventa, sem se romper. Como afirma Daniel Munduruku (2012), o que caracteriza a sabedoria indígena é a capacidade de se adaptar sem se descaracterizar, mantendo sua raiz viva na escuta dos mais velhos e no gesto repetido do cotidiano.

Por sua vez, a voz do Galibi Kali'na 3 reforça esse caráter vivencial do aprendizado. Mesmo ainda muito jovem nas décadas iniciais do século XXI, ele diz ter aprendido com o pai, os tios e o avô. O aprendizado ocorreu na prática, ou seja, observar como alinhar uma roça, derrubar uma árvore, fazer farinha. São saberes que não se transmite por instrução teórica, mas por imersão afetiva e prática. Isso confirma o que Kopenawa (2015) chama de “palavra que anda junto com o corpo”. O conhecimento que só ganha sentido quando vivido no tempo da terra, entre os que sabem e os que estão dispostos a aprender.

Portanto, o que se nota, é um anseio entre o que resiste e o que se desfaz. Neste sentido, a tradição se apaga porque o tempo coletivo se fragmenta. Por isso, a convivência entre gerações, que sempre foi o eixo da roça, tem sido ameaçada por novas rotinas que deslocam os mais jovens do espaço agrícola. Por isso, quando a escuta se rompe, o saber se cala. Ainda assim, há força nas falas. Mesmo diante da perda, há o reconhecimento de que ensinar e aprender na roça é um ato que continua vivo, ainda que em disputa, ainda que em risco.

Os Obstáculos à Continuidade da agricultura tradicional Galibi Kali'na

A permanência das práticas agrícolas tradicionais entre os Galibi Kali'na não depende da vontade dos mais velhos ou do esforço cotidiano das famílias. Ela enfrenta obstáculos concretos, muitas vezes impostos por ações externas ao controle da comunidade, como, mudanças no uso da terra, entrada de valores alheios à lógica indígena, abandono de cultivos, redução da participação dos jovens, ausência de políticas públicas efetivas. Diante

disso, preservar o que foi herdado exige resistir a forças que buscam desorganizar o tempo da roça. Então, para compreender esses conflitos, foi feita a seguinte pergunta: Quais desafios a comunidade enfrenta na preservação das práticas agrícolas tradicionais?

É o resgate de algumas “espécie” de batata pra fazer o caxixi e entre outros produtos que foram tragos por eles quando vieram, com isso a própria mandioca que “e” pra fazer o caxixi, com a praga que “teu” nas “rocas” que foram morrendo essas manivas (Galibi Kali’na 1, 2025).

Atualmente com a procura de novos caminhos, estudos, trabalhos fora da aldeia, muitas famílias foram embora da aldeia, deixando de fazer suas roças, e não ensinado para seus filhos. o que foi ensinado para eles. Até mesmo a maioria das famílias que moram na aldeiam, possuem um trabalho fixo dentro da comunidade e que impede de fazer uma roça e mantê-la, desse modo, a maioria das crianças nunca nem foi em uma roça (Galibi Kali’na 2, 2025).

Grandes desafios que a comunidade vem enfrentando de muitos jovens não quer praticar sua cultura isso faz com que enfraquece as práticas tradicionais (Galibi Kali’na 3, 2025).

A voz do Galibi Kali’na 1 chama atenção à perda de espécies tradicionais de batata e manivas que eram usadas para produzir o caxixi, produto ancestral derivado da mandioca. Além disso, ele menciona que pragas afetaram as roças e acabaram eliminando variedades importantes, o que aponta para uma fragilidade crescente das práticas agrícolas frente a fenômenos ambientais e à ausência de políticas de apoio. Logo, o desaparecimento dessas espécies representa um prejuízo agrônômico. Neste sentido, Freire (2015) ressalta que cada planta tradicional guardada pelos povos indígenas tem uma memória coletiva, um nome, um uso, uma história familiar. Quando essas variedades se perdem, desaparecem recursos e parte da identidade. A praga que destrói a maniva é um evento natural e um sintoma de uma ausência, de assistência técnica, de reconhecimento, de proteção dos saberes locais.

Por sua vez, a voz do Galibi Kali’na 2 aprofunda essa percepção. Ele relata o abandono da roça por parte de famílias que deixaram a aldeia em busca de estudo e trabalho, mas também daqueles que permanecem, embora já não plantem. Muitos têm funções fixas dentro da comunidade, professores, agentes de saúde, trabalhadores de projetos institucionais e, por isso, deixam de cultivar a terra. O resultado é visível, segundo ela, há crianças que nunca pisaram numa roça. O ciclo de transmissão foi rompido. Isso confirma o que afirma Baniwa (2019), ao lembrar que o maior risco aos povos indígenas no tempo presente além do desmatamento, e a pressão fundiária, é o enfraquecimento dos vínculos entre os jovens e os

modos de vida herdados dos mais velhos. Quando a roça deixa de fazer parte da infância, o saber tradicional deixa de ter chão.

No que lhe diz respeito, a fala do Galibi Kali'na 3 é concisa, mas contundente: muitos jovens “não quiere praticar sua cultura”, e isso enfraquece tudo. O recado é direto. O problema não está na técnica, mas na falta de vontade, ou melhor, na falta de sentido. Se a roça não diz mais nada para os jovens, ela deixa de existir. Aqui, não se trata de culpa, mas de contexto. A juventude indígena, assim como qualquer outra, é atravessada por desejos, dúvidas e preocupações. Ela se vê diante de um tempo que valoriza o que é rápido, digital, urbano. Manter os pés na terra exige mais do que memória, ou seja, exige sentido coletivo. Krenak (2019) enfatiza que a maior ameaça aos povos originários é o rompimento com os sentidos profundos de sua existência, provocados por uma sociedade que os vê como obstáculos ao progresso.

Portanto, os desafios enfrentados pela comunidade Galibi Kali'na não se limitam ao campo agrícola. Eles dizem respeito à permanência de um modo de vida, de uma pedagogia comunitária que se ancora na terra e nos gestos partilhados. A perda de espécies tradicionais, o afastamento das famílias, o desligamento dos jovens, tudo isso pode levar para um risco real: o de uma cultura deixar de ser vivida, tornando-se apenas lembrança. Ainda assim, há força em cada fala. Elas não denunciam para desistir. Denunciam para resistir. Porque enquanto houver alguém que se lembra do caxixi, que sabe o nome da batata esquecida, ou que insiste em levar os filhos para ver uma roça, há futuro no gesto que permanece.

Quando a terra deixa de responder: os impactos das mudanças climáticas na roça Galibi

Entre os Galibi, o tempo da roça sempre foi lido com precisão. Qualquer sinal da natureza serve como orientação para plantar, colher e descansar o solo. Na comunidade São José dos Galibi, esse saber veio dos avós, passou de boca em boca, acompanhou gerações inteiras. Porém, nas últimas décadas, essa memória do tempo foi desestabilizada. As chuvas deixaram de vir quando se esperava. Pragas surgiram em ciclos desconhecidos. O clima, que antes era parceiro do trabalho, tornou-se inconstante. Essas mudanças afetam a colheita e desmontam um modo de vida inteiro. Quando a natureza deixa de apresentar os sinais antigos, o conhecimento tradicional perde sua base. Diante disso, a pesquisa propôs a seguinte pergunta: De que maneira as mudanças ambientais e climáticas têm impactado a agricultura tradicional na comunidade São José dos Galibi?

Com os impactos ambientais, que temos, hoje com a mudança climática e o próprio período das produções das roças, com essas mudanças de clima que temos hoje (Galibi Kali'na 1, 2025).

Não sei se o que está acontecendo nos últimos anos com as poucas roças aqui da comunidade e as muitas outras aqui da região, é por causa das mudanças ambientais ou climáticas, só sei que afetou muito a gente, dá até um desânimo quando a gente faz o roçado onde vai ser a roça, faz o plantio e depois que as manivas começam a ficar bonitas, elas simplesmente começam a secar, as raízes que são as mandiocas apodrecem e a roça toda é perdida ou então para não perder, as mandiocas são colhidas ainda pequenas. Jamais imaginei que um dia passaríamos por isso. A macaxeira que é base da alimentação, não tem mais como antes, não temos mais batata doce, batata essa que é fundamental para fazer o caxixi Galibi, temos que recorrer a outras alternativas, como colocar beterraba para poder dar a cor típica do caxixi Galibi (Galibi Kali'na 2, 2025).

Os impactos ambientais e climáticas têm sido um desafio muito grande para comunidade “galiby” há mais de quatro anos que sofremos sem roças, eu principalmente que minha roça era onde tirava meus justento. trabalhei mais de quinze anos com farinha hoje sinto falta de uma tapiquinha no café da manhã farinha tapioca que não podemos mais fazer porque não temos roças devido às mudanças climáticas (Galibi Kali'na 3, 2025).

A natureza avisava de outro modo. E esse aviso era suficiente para alimentar uma comunidade inteira com dignidade (Baniwa, 2019; Krenak, 2019). Neste sentido, as três vozes reunidas nesta etapa da pesquisa indicam um ponto comum, ou seja, a roça perdeu seu ritmo. O Galibi Kali'na 1 reconhece que o “período das produções” já não obedece mais aos ciclos conhecidos. Segundo ele, chove fora de hora, o solo se esvazia, as pragas se multiplicam, e as manivas morrem ainda pequenas. O que antes era previsível agora se tornou esforço sem retorno. Para quem vive do cultivo, isso é uma perda econômica, e o enfraquecimento de uma forma de existência. De acordo com Porto-Gonçalves (2006), a degradação ambiental atinge primeiro aqueles que dependem diretamente da terra para viver, e entre os mais atingidos estão os povos que construíram com ela uma relação de confiança e reciprocidade.

O segundo depoimento, de Galibi Kali'na 2, vem como um desabafo silencioso. Ele descreve o desânimo diante de uma roça que parece se recusar a vingar. Segundo ele, as manivas que pareciam fortes apodrecem no subsolo, e com elas desaparecem também as batatas que garantiam o preparo do caxixi, bebida que carrega sabor e história. Além disso, a substituição da batata por beterraba, revela que algo se perdeu. O gesto resiste, mas com esforço. Segundo Baniwa (2019), os povos indígenas enfrentam a destruição material, e o risco da descontinuidade cultural, quando se é forçado a reinventar o que, durante séculos, foi aprendido com o tempo e a terra.

Já a fala do Galibi Kali'na 3 traz o tom mais duro da perda. De acordo ele, após quinze anos produzindo farinha, não tem mais roça nem sequer a tapioca para o café da manhã. Esse

detalhe, aparentemente pequeno, expõe a extensão do impacto. Deixar de tomar café com tapioca é mudar o cardápio e perceber que o cotidiano foi desfeito. O pão que vinha da terra já não se tem à mesa. Vale ressaltar que, quando o território deixa de responder aos saberes tradicionais, o que está em jogo é uma crise climática e um processo de desestruturação social, que corrói a autonomia e a identidade dos povos (Bergamaschi, 2009; Gonçalves, 2006).

Portanto, as vozes dos Galibi, são denúncias e testemunhos. Denúncia contra o modelo de desenvolvimento que devastou florestas, contaminou rios, mudou o clima e ignorou os modos de vida que respeitam o equilíbrio. Testemunho de que, mesmo diante do desequilíbrio, há quem insista em lembrar o tempo em que a terra ainda respondia. Essa lembrança não é nostalgia. É resistência. É o que Krenak (2019) chama de "esperança ativa": uma fidelidade ao passado que continua a alimentar o presente, mesmo quando as raízes secam antes da hora.

O futuro da agricultura Galibi sob os olhos de quem não desiste

Mesmo diante das perdas, das mudanças climáticas e do enfraquecimento da transmissão entre gerações, os Galibi Kali'na seguem buscando meios de manter viva a relação com a terra. A roça, para muitos, continua sendo plantio e um lugar de pertencimento, de memória e de dignidade. Por isso, em tempos em que os saberes ancestrais enfrentam tantas pressões, perguntar sobre o futuro da agricultura tradicional é perguntar, ao mesmo tempo, sobre o futuro da própria comunidade. Com isso em vista, esta pesquisa propôs a seguinte questão: Como a comunidade vê o futuro da agricultura tradicional e quais são as estratégias para sua preservação?

Temos que se acostumar com essa mudança climática, para poder fazer as nossas roças nos períodos certos (Galibi Kali'na 1, 2025).

Não posso falar do modo que a comunidade vê, vou falar meu ponto de vista, acredito que seria os mais jovens ter um interesse maior no aprendizado sobre a agricultura e os pais também tivessem a vontade de ensinar, não ao ponto de depender somente dela, mas de uma forma que desse pra conciliar com outros afazeres do dia a dia. Vejo que desse modo, a prática da agricultura não se perderá (Galibi Kali'na 2, 2025).

No ano que vivemos a comunidade vê um futuro de muito desafio mais tem solução nós como agricultor indígena ultimamente fizemos nossa roça bem distante onde só o dono possa ver e só ele pode entrar na roça isso é forma de preservar nossa cultura tradicional (Galibi Kali'na 3, 2025).

A voz do Galibi Kali'na 1 resume, com simplicidade e precisão, um dos eixos da adaptação, segundo ele, “temos que nos acostumar com essa mudança climática, para poder

fazer as nossas roças nos períodos certos”. Essa frase expressa o que Krenak (2019) chama de inteligência ancestral diante da catástrofe. Para Krenak (2019) o mundo muda, mas quem escutou a terra por gerações sabe se orientar mesmo quando os sinais se embaralham. Essa forma de lidar com a crise climática não se baseia na espera por soluções externas, mas na tentativa de reorganizar o calendário agrícola com base na observação.

Por sua vez Galibi Kali’na 2, desloca o olhar para dentro da própria comunidade. Ele recusa generalizações e assume uma posição honesta, não fala pelo coletivo, fala por si. E em sua resposta aponta um desafio, o desinteresse dos jovens e a omissão de muitos pais no repasse do que sabem. Segundo ele, a agricultura tradicional, não precisa ser a única atividade, mas pode coexistir com outros compromissos. E isso exige vontade e presença. Munduruku (2012) ressalta que os saberes dos povos indígenas se mantêm na convivência entre tempos e formas de vida. Nesse sentido, o futuro da roça, depende menos de políticas salvas por fora e mais de um pacto interno, ou seja, os mais velhos dispostos a ensinar, os mais novos dispostos a ouvir.

A terceira fala, de Galibi Kali’na 3, é talvez a mais marcada pela estratégia da resistência. Ele reconhece os desafios, mas não os toma como fim. Desse modo, ao relatar que as novas roças estão sendo feitas em locais mais afastados, onde só o dono entra, ele apresenta uma resposta prática para proteger o cultivo. É uma medida que combina segurança e cuidado. Nesse caso, a roça, se torna espaço sagrado, pessoal, íntimo. É o que Freire (2015) chamaria de “território de memória”, um espaço onde o saber tradicional se atualiza na prática, mesmo em meio à escassez de apoio externo ou ao desaparecimento das condições ideais.

Portanto, nas três vozes, o futuro aparece como travessia difícil, mas não como ponto final. Os Galibi não estão esperando que alguém venha resolver os problemas. Pelo contrário, estão fazendo o possível com o que têm, e desta maneira, readéquam o tempo do plantio, protegem a roça do acesso indiscriminado, e continuam acreditando que o diálogo entre gerações pode impedir que a roça se perca de vez (Munduruku, 2012; Krenak, 2019; Baniwa, 2019).

Entre a terra, a memória e o futuro: a agricultura Galibi em tempos de desequilíbrio

O percurso analítico das narrativas colhidas entre os Galibi Kali’na da comunidade São José garantiu escutar, com atenção e respeito, o que muitas vezes passa despercebido nos discursos oficiais, ou seja, o saber da roça como fundamento de uma vida que se ancora no

território e na memória dos que vieram antes. As respostas às cinco perguntas da pesquisa não oferecem um quadro homogêneo, tampouco linear. Ao contrário, elas mostraram, um tempo marcado por inquietações entre o que persiste e o que se perde, entre a escuta dos antigos e os ruídos provocados pelo presente desordenado.

A mandioca, segundo os participantes, segue como eixo alimentar, cultural da comunidade. Desse modo, não se trata de um cultivo qualquer, ela organiza o cotidiano, mobiliza o trabalho coletivo, orienta rituais e marca o ritmo da vida. Como visto, produtos como o alepá, o caxixi, a farinha, o tucupi e a goma são alimentos e expressões de uma sabedoria acumulada por gerações. Para Krenak (2019), os saberes indígenas não podem ser separados da vida que os produz. Neste sentido, quando uma variedade de batata ou uma maniva se perde, não desaparece só uma planta, desaparece um elo com o passado. Essa perda tem causas diversas. Por um lado, a entrada de outros grupos e os novos modos de organização do tempo comunitário afetaram a transmissão de saberes. Por outro, a ausência de políticas públicas que reconheçam o valor da agricultura tradicional contribui para o seu enfraquecimento. Além disso, a escola, quando descolada da realidade local, muitas vezes silencia o que deveria valorizar. De acordo com Baniwa (2019), a educação escolar indígena só cumpre seu papel quando se alinha ao território e aos saberes ancestrais.

Neste sentido, o impacto das mudanças climáticas foi uma constante nas falas. A natureza, que antes dialogava com os saberes tradicionais, já não responde como antes. As chuvas mudaram de tempo, as pragas aumentaram, as roças fracassam. E o medo, como bem expressou um dos participantes, não é deixar de colher, é deixar de confiar na terra. Quando o solo nega a colheita, nega-se também o que se acreditava seguro. Neste sentido, Porto-Gonçalves (2006) ressalta que os povos que mais sofrem com as alterações climáticas são aqueles que nunca romperam com a natureza, mas que agora pagam o preço por escolhas feitas por outros. Apesar disso, a ideia de futuro não aparece nas falas como desistência. Ela surge em forma de resistência. E desse modo, alguns adaptam o tempo da plantação, outros fazem a roça em locais mais distantes para protegê-la. Há quem acredite na força do diálogo entre gerações e na possibilidade de conciliar o trabalho agrícola com as exigências do presente. Bergamaschi (2009) afirma que, os territórios tradicionais seguem se reinventando, não por escolha, mas por necessidade. E essa reinvenção é uma forma de resistir.

Portanto, a agricultura entre os Galibi Kali'na, na comunidade São José dos Galibi, não pode ser compreendida por categorias que desvalorizam o saber popular ou que reduzem o plantio a técnica. O que se planta ali é história. O que se colhe, quando o tempo permite, é

continuidade. Para tanto, escutar essas vozes é um exercício de humildade e de justiça. É reconhecer que há ali uma forma de viver que insiste, mesmo em meio à incerteza, em manter os pés na terra e a memória viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo retomam o percurso realizado ao longo da pesquisa e destacam a importância de compreender a agricultura tradicional como um dos pilares que sustentam a vida social, a memória coletiva e a identidade do povo Galibi-Kali'na da aldeia São José do Galibi. Ao analisar o modo como essas práticas se mantiveram nas duas primeiras décadas do século XXI, foi possível observar que a agricultura, constitui uma expressão de continuidade histórica e de afirmação cultural.

O objetivo geral de compreender como as práticas da agricultura indígena, articuladas aos saberes ancestrais e à identidade étnica dos Galibi Kali'na, se transformaram e se mantiveram na comunidade São José do Galibi, no município do Oiapoque, nas duas primeiras décadas do século XXI. A partir do trabalho de campo, da revisão bibliográfica e do diálogo com os moradores, tornou-se evidente que a roça funciona como espaço de ensino, convivência e transmissão de saberes. É nela que os mais velhos compartilham técnicas, histórias e conselhos, e é nela, também, que os mais jovens aprendem a reconhecer a terra como fonte de vida e como parte essencial do pertencimento ao grupo. Assim, o estudo confirma que a agricultura desempenha papel decisivo na manutenção da identidade Galibi-Kali'na.

Os objetivos específicos também foram atendidos. A investigação possibilitou identificar as bases históricas e territoriais que formam o sistema agrícola local, compreender a centralidade da mandioca e analisar os desafios contemporâneos que influenciam transformações e permanências nas práticas de cultivo. O cultivo da mandioca, além de alimento fundamental, reafirma simbolicamente a ligação da comunidade com seus antepassados, já que cada variedade plantada carrega histórias e valores que ultrapassam a dimensão material.

Quanto ao problema de pesquisa, de que maneira os saberes ancestrais e as práticas agrícolas contribuem para a manutenção da identidade Galibi-Kali'na? A pesquisa oferece uma resposta clara, ou seja, esses saberes e práticas constituem o eixo principal de continuidade cultural. Eles preservam modos de fazer, de sentir e de interpretar o mundo,

funcionando como forma de resistência diante das pressões externas que incidem sobre a comunidade.

Por fim, reconhecem-se limites inerentes ao tempo de observação e ao recorte espacial, restrito a uma única aldeia. Ainda assim, os resultados reforçam a urgência de valorizar e proteger a agricultura indígena como patrimônio cultural. Investir nesses sistemas tradicionais significa fortalecer a soberania alimentar e, sobretudo, a dignidade, a memória e a autonomia dos povos que compõem o mosaico humano da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. B. **Base alimentar dos indígenas do Oiapoque, mandioca é ameaçada por pragas no Amapá**. Agência Publica, 2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/08/base-alimentar-dos-indigenas-do-oiapoque-mandioca-e-ameacada-por-pragas-no-amapa/>. Acessado no dia 06.jun.2024.

AMIM (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão). **A pandemia nas roças nas terras indígenas do Oiapoque**. Conhecimento, vivências e práticas indígenas associadas ao cultivo da mandioca. Oiapoque, 2025.

BANIWA, G. **A educação escolar indígena e os desafios da interculturalidade**. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Território e natureza: a modernidade em questão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15960>. Acesso em: 03 jun. 2025.

CUNHA, E. B. da. **Dinâmica territorial do povo Galibi Kali'na de Oiapoque-AP**. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022. 202 f. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/15457>. Acesso em: 13. Abr.2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KRENAK, A. **Paisagens, territórios e pressão colonial**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327, 2015. DOI: 10.22456/1982-6524.61133. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/61133>. Acesso em: 4 out. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe/100435/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo>. Acesso em: 03 jun. 2025.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEWKOWICZ, R. SILVEIRA, M. **Praga mata plantações de mandioca nas terras indígenas do Oiapoque**, 2023. Instituto de Pesquisa e Formação Indígena. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/2023/08/praga-mata-plantacoes-de-mandioca-nas-terras-indigenas-do-oiapoque/>. Acesso em 08 out 2025.

LIMA, Carla Oliveira de. **Historiografia social da Amazônia e história ambiental: um breve balanço**. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.6, vol.4, jan/dez. 2017. <https://seer.ufrgs.br/article/viewFile>. Acesso em 03.06.2023.

LIMA, Cristina Maria Garcia de et al. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 4, p. 21-30, 1996.

LÓPEZ GARCÉS, C. Contatos interétnicos em regiões de fronteiras: a visão dos Ticuna e dos Galibi do Oiapoque. **Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações** Stephen Grant Baines (Org). Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012.

MEIRA, M. **Povos indígenas e políticas públicas no Oiapoque: um estudo antropológico sobre o processo de etnogênese**. Belém: MPEG, 2006.

MEIRA, Márcio. Indígenas no Oiapoque: fronteiras, circulação e identidade. In: RIBEIRO, Darcy (Org.). **Povos indígenas do Brasil: 500 anos de resistência**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p. 207-221.

MORAES, Claudia Renata Lod. **A Transição de Menina para Mulher e a Menstruação como rito de passagem da menina entre os Galibi Kalin'a**. UNIFAP, 2018 Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Intercultural Indígena.

MUNDURUKU, Daniel. **A sabedoria dos velhos: conversas sobre a vida**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: povos indígenas e o Estado nacional**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Civilização Brasileira, 2006. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-globalizacao-da-natureza-e-a-natureza-da-globalizacao-1977>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SILVA, L. W. O. DOS S. D. **A relação entre as fontes de rendas e as atividades produtivas na aldeia Santa Izabel, terra indígena Uaçá no município de Oiapoque**. 2019.

SILVEIRA, F. L. **Tradições e propriedade da terra em processos de demarcação de terras indígenas**. Monografia. Departamento de Direito da PUC-RJ. 2015.

VIDAL, Lux. **Narrativas e memória de um chefe Galibi do Oiapoque**. São Paulo: Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2023.

A AGRICULTURA INDÍGENA E A ANCESTRALIDADE KALIN'NA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DOS GALIBI NO MUNICÍPIO DO OIAPOQUE: GÊNESE E METAMORFOSES NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI
Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2. - ISSN: 1982-3800

VIDAL, Lux. **O renascimento dos povos indígenas no Brasil**. São Paulo: Global, 2007.

_____, Lux. **Povos indígenas no Brasil**, 2000/2024. Disponível em: <https://pib.Socioambiental.org/>. Acessado no dia 14.abr.2024.

_____, L. (Org.). **A questão indígena: 500 anos depois**. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Povos indígenas no Brasil**, 2000/2018. Disponível em: [Galibi do Oiapoque - Povos Indígenas no Brasil](#). Acessado no dia 20.set.2024.

_____. **Povos indígenas no Brasil**, 2000/2024. Disponível em: https://pib.Socioambiental.org/pt/Povo:Galibi_Kali%27na#:~:text=Situa%C3%A7%C3%A3o%20das%20terras,boa%20vizinhan%C3%A7a%2C%20mas%20pouco%20contato. Acessado no dia 25.abr.2025.

_____. Terras indígenas e direitos culturais. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Sociedade e cultura: estudos antropológicos**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 193-218.

_____. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque**: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. Museu do Índio Iepé. 2007, p.13.

_____. **Outros viajantes**. A trajetória de uma migração. Revista USP, n. 46, p. 42-51, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.